

O DISCIPLINAMENTO E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Cláudia Martins R. Rennó*
Claudete Bolino**

RESUMO: O artigo propõe identificar a inserção na escola dos mecanismos disciplinares de vigilância e controle e analisar suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. Tem como referencial teórico básico os escritos de Foucault, enquanto teoria de “corpos dóceis”. Procura refletir sobre o aparato disciplinador no cotidiano escolar e quais são as manifestações mais freqüentes desse aparato no que diz respeito à influência do corpo em movimento no processo ensino-aprendizagem. Constata que a vigilância na escola está sendo usada, muitas vezes, em nome da segurança. E os recursos disciplinares estão cada vez mais sutis, tomando o corpo social em sua quase totalidade e generalidade e que, os mecanismos disciplinares usados pela escola não impedem as ações que burlam o disciplinamento. É importante que a escola desenvolva e aprimore um enraizamento de valores, mas não a ponto de impedir e controlar o crescimento individual do aluno, e que o espaço da aprendizagem não fique comprometido, vigiado e controlado.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Disciplinamento. Aprendizagem. Escola.

DISCIPLINARY MECHANISMS AND THEIR IMPLICATION INTO THE LEARNING AND TEACHING PROCESS

ABSTRACT: The article aims to identify the insertion of the disciplinary mechanisms of vigilance and control in the school and analyze their implication into the learning and teaching process. It has as theoretical basic reference the work of Foucault as “kind bodies” theory. The article tries to reflect about the disciplinarian apparatus in the daily

* Ms. em Educação pela Universidade de Sorocaba – Uniso (2010). Rodovia Raposo Tavares KM 92,5 Vila Artura, 18023-000, Sorocaba / SP. E-mail: claudia_renno@yahoo.com.br

** Ms. em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (1999). Profª da Universidade de Sorocaba. Coordenadora do Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Psicopedagogia: abordagem clínica e institucional. Rodovia Raposo Tavares KM 92,5 Vila Artura, 18023-000, Sorocaba / SP. E-mail: claudete.bolino@prof.uniso.br

Recebido em: Junho/2010 Avaliado em: Julho/2010

school and what the most frequent demonstrations from this are. It has to do with the influence of the body in movement into the learning and teaching process. Through this article path we know that the vigilance in school has been used in the name of the security. And the disciplinary resources are evolving to softer ways, taking the social body in almost all of its totality and generality and that, many disciplinary mechanisms used by the school are not being effective enough about the following the rules issue, because they do not stop the actions that cheat the disciplining process. It's important that the school develops and refines a set of values. However, it's not supposed to obstruct and control the student's growth and also that the space of learning do not become watched and controlled.

KEY WORDS: Body. Discipline. Learning. School.

Não dá para pensar o corpo fora de um ambiente. Existe um conjunto de relações que ele estabelece no ambiente em que se encontra. Com suas múltiplas possibilidades de relação e expressão, o corpo dita os parâmetros de relacionamentos em determinados ambientes sociais. É possível ver, no desenrolar do cotidiano que envolve o ser humano em múltiplas situações, as interferências sobre o corpo que o delimita. Então, não dá para separá-lo do seu contexto de inserção, e nem é possível desconsiderar as relações que ali se estabelecem.

O corpo no mundo de hoje, com todas as suas conexões, fatos e multiplicidades, sofre as ações decorrentes das diferentes tecnologias historicamente elaboradas. Composto de relações e de informações vindas do seu entorno, o corpo é afetado por esse ambiente, o que resulta numa qualidade de ação que o atinge e que modifica o que está em volta. Verificando que o contexto se abre e se multiplica em vários outros, pensamos ser possível apreender um viés dinâmico no conjunto dessas relações cotidianas e sociais. Merleau-Ponty (1999, p. 205), considerou que “ser corpo, é estar atado a um certo mundo”, pois, na perspectiva fenomenológica, a dimensão essencial - a ação do corpo, o ser corpo - só apresenta sentido se unida à dimensão existencial, pela capacidade de perceber, agir, movimentar, compreender, e atuar sobre o mundo, marcado pela historicidade e diversidade de cultura.

O corpo no ambiente escolar se configura de formas diversas. As relações que se estabelecem nas instituições escolares têm características peculiares que legitimam seu poder de ação, desvelam e moldam corpos à sua concepção hierárquica. O atual momento histórico-sócio-econômico e cultural, atrelado ao desenvolvimento tecnológico permite a utilização de dispositivos de segurança e mecanismos de vigilância por parte das instituições. Pensando na escola, é possível considerar que a criança pode estar cada vez mais impedida de realizar o que lhe é mais peculiar: o movimento, uma vez que ainda se pensa que estar quieto no seu lugar previamente

determinado, significa manutenção da ordem e possibilidade de aprendizagem. Não raro ouve-se falar que a professora “domina” a classe.

Nesta perspectiva, assiste-se aos educandos manifestando-se como “corpos dóceis”. Segundo Foucault (1987), é dócil um corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado. O autor mostra a proveniência e os usos daquelas “pequenas” técnicas e dispositivos de saber e poder, os quais podem estar embutidos nas técnicas disciplinares que passam despercebidas no cotidiano das instituições escolares e que, explícita ou implicitamente influenciam de certa forma, o processo de ensino-aprendizagem.

Refletindo sobre as particularidades da prática docente, percebe-se que as manifestações de algumas técnicas disciplinares relacionadas à vigilância, circulam no interior das escolas. Todas as escolas atualmente consideram indispensáveis usar de dispositivos de segurança e contenção. Portanto, a vigilância na escola, inúmeras vezes usada em nome da segurança, é uma constante, e pode ser considerada como um viés norteador do poder disciplinar, tomada como algo que deve ser contínuo, presente em toda a extensão do espaço e, penetrando os lugares mais recônditos da instituição.

O MOVIMENTO CORPORAL E A APRENDIZAGEM

Os movimentos são de grande importância biológica, social, cultural e evolutiva, uma vez que é através dos movimentos que o ser humano interage com o meio ambiente na busca constante de matéria/energia e informação. A interação se constitui num aspecto fundamental para a sobrevivência e desenvolvimento de todo e qualquer sistema vivo. É através dos movimentos que o ser humano age sobre o meio ambiente para alcançar objetivos desejados ou satisfazer suas necessidades e, desde que nasce, usa a linguagem corporal para conhecer a si mesmo, para relacionar-se com seus pais, para movimentar-se e descobrir o mundo. (LE BOUCH, 1982)

O autor comenta que é através da atividade motora que o indivíduo explora e maneja o meio, sendo esta essencial na sua evolução. Observa-se que os movimentos também têm sua importância social e cultural. A comunicação, a expressão da criatividade e a dos sentimentos são feitas através de movimentos. É através deles que o ser humano se relaciona um com o outro, aprende sobre si mesmo, quem ele é, o que é capaz de fazer, enfim, aprende sobre o meio social em que vive.

Alguns pesquisadores consideram o movimento corporal um sexto sentido. O psicomotricista Levin (2005), o considera fundamental para a criança adquirir novos conhecimentos. O autor destaca que: “As descobertas feitas com o corpo, se transformam em aprendizados efetivos, incorporados”. Na verdade são tesouros guardados, e que são usados como referências quando, por exemplo, é preciso ter

criatividade na profissão e resolver problemas cotidianos. Portanto, os movimentos são saberes adquiridos que se tornam automáticos ao longo da vida, e que também ficam constantemente à disposição para serem colocados em uso.

Observa-se que uma educação corporal mal trabalhada acarreta prejuízos consideráveis na evolução normal do ser humano, influenciando sobremaneira na sua capacidade cognitiva. Dentro deste contexto, Antunes (1998, p. 78) relata que:

O ser humano, comparado com outras espécies animais, possui um desenvolvimento motor bastante lento e isso acontece porque o cérebro da criança está sendo programado para atividades mais complexas que envolvem a linguagem, raciocínio lógico, poder de espacialização e amadurecimento das emoções. Talvez por esse motivo os animais nasçam preparados para as atividades básicas de sobrevivência e os humanos precisam contar com educadores que os estimulem a desenvolver o seu tato, paladar, audição, atenção e outros recursos sinestésicos corporais finos. Sem esses estímulos provocados, não desenvolverão essas habilidades, ou essas aparecerão muito mais tarde através de ensaios e erros que a vida propõe.

José e Coelho (2004) comentam que se houver um desnível nas estimulações, com um maior amadurecimento em uma área do que outras, no que se refere à linguagem, inteligência e corpo, sendo este último priorizado neste estudo, pode dar origem a desajustamentos e distúrbios psicomotores que irão afetar o processo de integração do indivíduo na sociedade e, muitas vezes a criação de dificuldades de aprendizagens.

Uma criança com oportunidades de experimentar diferentes tipos de movimentos desenvolverá as condições necessárias para um bom desempenho social e escolar. Tais momentos poderão incluir movimentos, por exemplo: rápido, lento, em círculo, em duplas, saltando, pulando, com um só apoio, com dois, num espaço pequeno, num grande, com acompanhamento rítmico ou sem ele, etc.

Em condições de normalidade a criança necessita desenvolver o seu esquema corporal, o equilíbrio, a lateralidade, a estruturação espaço-temporal, a tonicidade, a coordenação motora global, a coordenação fina e a finíssima. Tais necessidades vão sendo atendidas em sua ontogenia a partir do amadurecimento neuronal e da estimulação recebida do meio ambiente e na relação com as coisas e pessoas.

Um esquema corporal bem formado favorecerá o desenvolvimento das outras condições citadas, uma vez que tudo o que nos acontece, nos acontece corporalmente e assim a criança pode ir superando as fases de desenvolvimento, não só motor, mas

cognitivo e sócio-afetivo. Portanto, a movimentação da criança, preferencialmente espontânea na escola poderá ser oferecida pelo professor que proporcionará momentos e movimentos importantes para o desenvolvimento integral do aluno, o que favorecerá importantes avanços na sua escolarização.

Nesta perspectiva, pode-se dizer que a aprendizagem da criança prescinde de seu desenvolvimento natural, do amadurecimento de todas as suas funções e eles poderão ocorrer a partir da estimulação recebida. Torna-se oportuno lembrar que o desenvolvimento motor da criança através do movimento poderá favorecer ou obstaculizar as aprendizagens na escolarização.

Para Piaget (1971) a criança é antes de tudo um organismo pensante que chega a conhecer a realidade social e física. Dentre os pilares básicos dos estudos de Piaget, destaca-se que o crescimento mental se realiza por integração e substituição, e não mediante a simples soma de novos fatos. Esta teoria propõe que o crescimento mental se configura por uma espiral que se expande em direção ascendente, em que os mesmos problemas são abordados de maneiras diferentes de acordo com os níveis de idade. Porém, em cada nível se resolvem de uma maneira completa e satisfatória do que no anterior. Sendo assim, em campos distintos como no juízo moral e nas ideias acerca da natureza, as ideias primitivas das crianças são substituídas por outras mais maduras; enquanto a criança cresce e o processo de equilíbrio progride e se adéqua às novas situações ali trabalhadas:

Desde o princípio até o fim, a aprendizagem passa pelo corpo. Uma aprendizagem nova vai integrar a aprendizagem anterior; ainda quando aprendemos as equações de segundo grau, temos o corpo presente no tipo de numeração e não se inclui somente como ato, mas também como prazer; porque o prazer está no corpo, sua ressonância não pode deixar de ser corporal, porque sem signo corporal de prazer, este desaparece. O corpo coordena e a coordenação resulta em prazer, prazer de domínio. (FERNANDEZ, 1990, p. 59)

A APRENDIZAGEM SOB VIGILÂNCIA

Um olhar voltado para a influência do corpo em movimento no processo de ensino-aprendizagem constitui uma ideia norteadora em que o educador deve explorar a agitação natural da criança durante o processo de ensino-aprendizagem. Tal medida significa tomar o corpo como um recurso de ensino-aprendizagem e não torná-lo dócil e alienado mediante o uso extremo de mecanismos disciplinares de vigilância e controle. Segundo Fernandez (1990, p. 63), a escola em geral enfatiza sobremaneira o cérebro, cujo objetivo constitui em:

[...] amarrar-se o corpo para deixar apenas o cérebro em funcionamento, desconhecendo e expulsando o corpo e a ação da pedagogia. Ainda hoje encontramos crianças que estão atadas aos bancos, a quem não se permite expandir, provar-se, incluir todos os aspectos corporais nas novas aprendizagens.

Segundo a autora, “o organismo bem estruturado é uma boa base para a aprendizagem, e as perturbações que possa sofrer condicionam dificuldades nesse processo”. Nas escolas em geral dão-se muitos conhecimentos matemáticos, científicos e pouca conotação no que diz respeito às atividades corporais. Sendo assim, o espaço da aprendizagem aparece, muitas vezes, comprometido, vigiado e controlado.

Enguita (1989) realiza estudos relacionados ao disciplinamento dos corpos e mentes - força de trabalho - hábitos e atitudes que se constroem nas relações sociais capitalistas em geral. Em relação à instituição escolar, o autor destaca que:

[...] crianças e jovens são mantidos constantemente em interação com o professor e outros agentes da instituição ou sob sua vigilância. A escola não apenas pretende modelar suas dimensões cognitivas, mas também seu comportamento, seu caráter, sua relação com o seu corpo, suas relações mútuas. Propõe-se a organizar seu cérebro, mas no mais amplo sentido: não apenas alimentar um recipiente, mas dar forma ao núcleo de sua pessoa. (p. 158)

O autor questiona como a escola forma atitudes, disposições, preconceitos, normas e valores sociais: o modo correto de sentar na carteira, o horário de ir ao banheiro, recrear, lancha, estudar. Parte-se do pressuposto de que a experiência escolar deve reverter em atitudes e valores para a vida cotidiana, bem como para a vida adulta do aluno. Entretanto, nota-se que a experiência escolar se constitui mais marcante em relação às respectivas atitudes e valores - no que diz respeito à experiência disciplinar - do que à apropriação do conhecimento formal e socialmente produzido:

[...] apenas uma pequena parte do tempo dos professores e alunos nas escolas é dedicada à transmissão ou aquisição de conhecimentos. O resto, a maior parte, é empregado em forçar ou evitar rotinas, em impor ou escapar ao controle, em manter ou romper a ordem. (ENGUITA, 1989, p. 158)

Enquanto instituição social, a escola cumpre vários papéis: ela é transmissora de conhecimento, deve desenvolver habilidades e preparar o indivíduo para a sociedade em que ele vai viver e na qual vai atuar social e produtivamente. A sociedade espera que a escola, enquanto força reprodutora eduque e desenvolva no indivíduo um padrão ajustado do cidadão que ela precisa/almeja, ou seja, que esse cidadão se enquadre aos moldes da sociedade mesmo que isto signifique submeter ao social, o que o indivíduo considera ideal para si, mediante seus interesses, valores, princípios. Portanto, cabe à escola além do seu papel pedagógico de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, cumprir a formação social do indivíduo nas perspectivas de sujeito coletivo. O disciplinamento concorre como um dos fatores que atuam significativamente nessa função social exercida pelas instituições escolares.

A escola intenciona formar pessoas críticas, inseridas em um espaço de aprendizagem de conteúdos educacionais, de convívio, de cultura, de valores, de pesquisa e experimentação. E a sociedade, por sua vez, persiste na ideia da preparação do indivíduo para o mercado de trabalho. Quanto maior for a adesão aos moldes da escola, mais eficaz se concretiza o intento. Por isso a necessidade de se ajustar a eles, aos mecanismos disciplinares de vigilância e controle, conforme abordado anteriormente, e que, explícita ou implicitamente sejam submissas e seguidoras de suas regras. Nesta perspectiva, Louro (1999, p. 21) aponta que:

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de uma forma particular. Mãos, olhos, e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas.

Veiga Neto (2005, p. 98), diz que a escola pode ser considerada “a mais ampla e universal máquina capaz de fazer, dos corpos, o objeto de poder disciplinador e, assim, torná-los dóceis”. Na verdade, compete à escola além das funções caracteristicamente próprias como a transmissão do conhecimento, a socialização e o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, preparar o aluno para o desempenho de papéis de acordo com o padrão vigente. Portanto, a submissão do corpo pode ser considerada prática de obediência.

Nestes termos, faz-se a analogia entre silêncio e disciplina, como facilitadores ou comprometedores das atividades no cotidiano escolar as quais comprometem todo o espaço, bem como todo o processo de ensino-aprendizagem. Como diz Foucault

(1987, p. 48), “os indivíduos são considerados em função de sua normalidade, o que é um dos grandes instrumentos de poder da sociedade contemporânea”.

As técnicas moduladoras de controle total, segundo Deleuze (1992), já estão em evidência no cotidiano das pessoas e, não é preciso muito esforço para percebê-las. Várias propostas de controle eletroeletrônico e afins estão em vias de teste ou já são utilizadas. Alguns exemplos disso podem ser encontrados quando se procura “a posição de um elemento em espaço aberto, (de um) animal numa reserva, (de um) homem numa empresa”. (idem, p. 224). Todos eles podem ser achados por meio de “coleira” eletrônica. Há escolas que disponibilizam *web cam* para que pais vejam seus filhos. E outras, principalmente as particulares, além de todo um aparato de vigilância e do circuito interno de TV, estão também monitoradas 24 horas por firmas de segurança devidamente credenciadas.

Todavia, todo este “cabedal” disciplinar de dispositivos e afins pode estar exercendo uma sujeição permanente na população escolar, pois se observa que, desde a formação da sociedade, tem-se apenas variado as técnicas de controle e vigilância. Evolui-se em técnicas cada vez mais sutis, insuspeitas, sofisticadas, com aparente inocência, sob roupagens mais modernas e leves de qualquer código disciplinar ou regulamento do estabelecimento educativo, tomando o corpo social em sua quase totalidade. E, sobretudo, no que diz respeito ao fato dos alunos sentirem-se controlados pela força penetrante do olhar vigilante das inspeções tornando-se “cordatos” e “controlados”.

Reflexões como essas colaboraram para que, ao final desta investigação, se pudesse concluir que, embora predomine nas instituições o comportamento disciplinado, diversos mecanismos disciplinares usados hoje pela escola não são suficientemente eficazes na questão do cumprimento às regras. O aparato de controle não impede, entretanto, as ações que burlam o disciplinamento, e as manifestações de comportamento indisciplinado, agressivo, fora da regra. Mesmo inseridos nesse aparato de técnicas disciplinadoras, á sujeitos e corpos que não se submetem, resistem, ou seja, continuam em luta pelo exercício de relações de poder.

No que toca a questão do controle do corpo, a necessidade de fazê-lo é essencial, uma vez que o ser humano tem que se ajustar às exigências da sociedade, às normas de sobrevivência, ao uso coletivo, ao respeito ao que é de todos. A disciplina é necessária; o que se questiona é até que ponto esse caráter de controle e vigilância docilizam, pois o indivíduo não pode ser tão controlado, tão docilizado a ponto de não ser capaz de refletir sobre a necessidade da disciplina em sua formação. E a escola tem que trabalhar estes pontos de maneira a não impedir que a população escolar se manifeste, cresça, se desenvolva, se aprimore, mesmo que alguns conceitos básicos se enraizem. Portanto, é importante que a escola desenvolva e

aprimore esse enraizamento de valores, mas não a ponto de impedir e controlar o crescimento individual do aluno e que, sobretudo, o espaço da aprendizagem não fique comprometido, vigiado e controlado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ENGUITA, Fernandez Mariano. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2004.

LE BOUCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor do nascimento aos 6 anos: a psicocinética na idade pré-escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

LEVIN, Steban. O corpo ajuda o aluno a aprender. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 114, p. 85-87, fev. 2005.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1972.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

